

OS QUATRO EVANGELHOS

MATEUS, Cap. IV, v. 1-11

MARCOS, Cap. I, v. 12-13

LUCAS, Cap. IV, v. 1-13

Jejum e tentação de Jesus

MATEUS: V. 1. Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. 2. Depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. - 3. Aproximando-se então dele, o tentador lhe disse: Se és filho de Deus, ordena a estas pedras que se tornem pães. - 4. Jesus lhe respondeu: Escrito está: Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. - 5. O diabo o transportou à cidade santa e, colocando-o no pináculo do templo, - 6, disse-lhe: Se és filho de Deus, lança-te daqui a baixo, pois está escrito que ele ordenou a seus anjos tenham cuidado contigo e te sustentem com suas mãos, para que não firas os pés nalguma pedra. - 7. Jesus respondeu: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. - 8. O diabo o transportou ainda para um monte muito alto, donde lhe mostrou todos os reinos do mundo e a glória que os acompanha. - 9. e lhe disse: Dar-te-ei todas estas coisas se, prosternando-te diante de mim, me adorares. - 10. Disse-lhe em resposta Jesus: Retira-te, satanás pois está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus e só a ele servirás. - 11. Deixou-o então o diabo, cercaram-no os anjos e o serviram.

MARCOS: V. 12. E logo o espírito o impeliu para o deserto; - 13, onde passou quarenta dias e quarenta noites, sendo tentado por satanás. Habitava com as feras e os anjos o serviam.

LUCAS: V. 1. Cheio de um Espírito Santo, Jesus se afastou do Jordão e foi, pelo espírito, impelido para o deserto. - 2. Aí permaneceu quarenta dias e foi tentado pelo diabo; nada comeu durante esses dias e, passados eles, teve fome. - 3. Disse-lhe então o diabo: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem pão. - 4. Jesus lhe respondeu: Está escrito: O homem não vive somente de pão, mas de toda palavra de Deus. - 5. O diabo o transportou para um alto monte e lhe mostrou, num instante, todos os reinos da Terra, - 6, dizendo-lhe: Dar-te-ei todo esse poder e a glória destes reinos, porquanto eles me foram dados e eu os dou a quem quero. - 7. Se, pois, anuíres em me adorar, todas estas coisas te pertencerão. - 8. Jesus lhe respondeu: Está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus e só a ele servirás. - 9. O diabo ainda o transportou a Jerusalém e, colocando-o no pináculo do templo, disse: Se és Filho de Deus, lança-te daqui a baixo; - 10, pois está escrito haver ele ordenado a seus anjos que tenham cuidado contigo, que te guardem. --11, e te amparem com suas mãos, para que não firas o pé nalguma pedra. - 12. Jesus lhe respondeu: Está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. - 13. Acabada a tentação, o diabo se afastou dele por algum tempo.

N. 61. Satanás. o diabo, o demônio - são nomes alegóricos pelos quais se designa o conjunto dos maus espíritos empenhados na perda do homem.

Satanás não era um espírito especial, mas a síntese dos piores Espíritos que, purificados agora na sua maioria, perseguiram os homens, desviando-os do caminho do Senhor.

Satanás ainda existe, porquanto maus Espíritos ainda perseguem os homens e os afastam daquele caminho.

Mas, todos se hão de purificar com o tempo, por meio de uma série de provações e expiações em encarnações sucessivas, precedida cada uma, no espaço, na

erraticidade, dos sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados aos crimes ou faltas cometidos.

Tais são, para o espírito culpado, tanto encarnado como errante, o inferno, o purgatório, a expiação, a reparação, o progresso.

A reencarnação é a escada santa que todos os homens têm que subir. Constituem-lhe os degraus as fases das diversas existências nos mundos inferiores, depois nos mundos superiores, porquanto disse Deus ao seu enviado celeste, nosso e vosso Mestre, que, para chegar a ele, teria o homem que nascer, morrer e renascer até atingir os limites da perfeição. E nenhum lá chegará sem se purificar pela reencarnação. Homens, é em vão que debateis entre as possantes garras do progresso. Ele se opera todos os dias, lentamente, é certo, mas se opera. O Espiritismo, auxiliando a reencarnação, o atizará e lhe dará sublime impulso.

O jejum e a tentação de Jesus são igualmente uma figura e, como daqui a pouco vos explicaremos, só foram considerados reais pelos homens em consequência dos comentários que, finda a missão terrena do Cristo, os apóstolos e os discípulos bordaram em torno do discurso que ele, doutrinando, proferira acerca das tentações a que está sujeita a humanidade, das ciladas que lhe armam os espíritos do mal, da perseverança e da fé com que se lhes deve resistir. Esses comentários, sob a influência dos preconceitos do tempo e das tradições hebraicas, criaram a opinião de que aquele discurso, dadas as circunstâncias em que fora pronunciado, resumia o que se passara com o próprio Cristo.

Daí o tratarem os Evangelistas Mateus e Lucas de um jejum e de uma tentação, a que supunham estivera submetido Jesus, como se falassem de fatos materiais, reais, ocorridos pessoalmente com o Mestre.

Tais fatos, porém, tidos como reais, como materialmente produzidos do ponto de vista das autoridades religiosas, são um emblema.

Como pode ter acudido ao espírito do homem a ideia de rebaixar por tal forma aquele que o próprio homem considerara uma fração de Deus, uma parte, conseguintemente, do grande todo que governa o Universo, opinião que, aliás, se enquadra sofrivelmente nas ideias panteístas?

Como puderam rebaixar essa fração da divindade ao ponto

de pô-la em contacto com o demônio, com o maldito expulso do céu por Deus, sem se lembrarem de que, assim, era o próprio Deus quem, por uma fração de si mesmo, descia à condição de parlamentar com o “orgulhoso e poderoso banido”, de ficar até na sua dependência?

Como admitir-se que Jesus, sendo homem e, portanto, sujeito às enfermidades, às necessidades da existência humana, tenha podido viver quarenta dias e quarenta noites num deserto sem tomar alimento algum?

Como admitir-se que, sendo Deus, haja sentido os aguilhões da fome, ao cabo dos quarenta dias e quarenta noites, que os haja sentido ao ponto de animar tentativas audaciosas do "anjo decaído", que, entretanto, seria dentro em pouco forçado a abandonar suas presas (os demoníacos), exatamente pela ação da potente vontade do mesmo Jesus?

Como se vê, foi o homem, de um lado, bastante orgulhoso e, de outro, bastante inconstante, dando a si mesmo por libertador um Deus e submetendo esse Deus ao império do "demônio", pondo-o em contacto com este, de maneira a lhe sofrer a influência pela tentação.

Pobre humanidade, que busca o maravilhoso nas coisas mais simples, que repele por impossíveis as mais patentes, que avilta, sem ter disso consciência, aquele a quem, levada pelas suas superstições, ela própria faz partícipe da divindade e a quem, do mesmo passo, põe, quanto ao presente e ao futuro (o demônio o deixou por algum tempo, ad tempus), à mercê desse outro que, maldito por toda a eternidade, sem esperanças de perdão, emprega a sua força, a sua vontade, o seu poderem lutar contra o Criador!

Todavia, não a censureis por isso, oh! bem- amados, não a censureis, porque essa crença numa tentação material teve sua razão de ser, como vos explicaremos em breve. O que ocorreu tinha que correr na marcha dos acontecimentos.

Nunca censureis, pois que tudo tem seu cabimento, como condição e meio de progresso, na marcha gradual dos sucessos, sempre acordes, do mesmo modo que as interpretações humanas, com o estado das inteligências, com as necessidades das épocas, cada uma das quais representa um dos estádios que cumpre à humanidade percorrer para progredir, progredir constantemente, abrindo pouco a pouco os olhos à luz e à verdade, à proporção que vai sendo preparada para receber essa luz e essa verdade, que lhe são dadas na medida do que ela pode suportar e de maneira a esclarecê-la sem jamais a

deslumbrar.

A nova revelação, que abre uma era nova à humanidade e que vos vem ensinar a origem espírita de Jesus, mostrando-vos, com esse ensino, que o jejum e a tentação do Cristo não podem ser e não são mais do que um emblema, vem igualmente fazer-vos conhecer, a este respeito, a realidade das coisas, isto é: as próprias palavras que Jesus dirigiu ao povo e das quais nasceu a crença naquele jejum e naquela tentação. Ela vos vem ainda explicar como e quando os apóstolos e os discípulos foram induzidos a pensar que o que Jesus ensinara de modo geral constituía o resumo do que se passara enquanto o Mestre estivera ausente, o resumo do que ele pessoalmente experimentara. Vem explicar também de que maneira, em consequência da lição cujo pensamento, cuja substância permaneciam na memória dos homens, quando mesmo já se tinha perdido a lembrança das palavras de que, para dá-la, se servira o Messias, de que maneira, dizíamos, os apóstolos e os discípulos foram induzidos a referir, sob a forma e nos termos por que o fizeram os Evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, o que não passava de uma lição, como sendo fatos materiais, a falar de uma estada de Jesus quarenta dias e quarenta noites no deserto, de um jejum feito por ele durante esse tempo e de uma tentação material levada a efeito por "satanás", o "diabo", o "demônio".

Acompanhai a aparente vida humana de Jesus, pregando constantemente pelo exemplo a dedicação, a caridade, o amor; acompanhai-lhe os atos, as palavras, os ensinamentos e o vereis sempre submisso, na medida do que o exigia a sua missão terrena, aos usos, costumes e tradições hebraicas, adaptando sua linguagem a esses usos, costumes e tradições, assim como às inteligências daqueles a quem se dirigia, a fim de que o compreendessem e, sobretudo, escutassem, a fim de assegurar o êxito da sua missão e de conseguir que ela desse frutos no momento e no futuro, findo o seu desempenho: que frutificasse primeiro pela letra, depois pelo Espírito.

Os profetas, como sabeis, se preparavam para desempenhar suas missões por meio da meditação, da prece e do jejum no deserto. Afigurou-se aos homens que Jesus se submetera a esse uso, a essa tradição, antes de dar começo ao desempenho da sua missão publicamente.

Depois de receber diante do povo, pela descida do Espírito Santo sob a forma de uma pomba e pela voz que se "fez ouvir no céu", a consagração, como filho de Deus, da missão que ia desempenhar e que João, havia pouco,

anunciara a todos os que o cercavam, Jesus se afastou das margens do Jordão e os que lhe seguiam os passos perderam-no de vista. Para impressionar as massas, ele se tornou invisível durante o tradicional espaço de tempo: quarenta dias e quarenta noites, número este até certo ponto sagrado, segundo as tradições hebraicas. Desapareceu, não porque se internara no deserto, mas porque voltara, como fazia sempre que a sua missão não lhe reclamava a presença entre os homens, para as regiões superiores onde, do alto dos esplendores celestes, governava, governa e governará a terra e a humanidade.

Decorridos os quarenta dias e quarenta noites, reapareceu e dirigiu ao povo e aos discípulos, que o rodeavam e lhe haviam notado a ausência, estas palavras:

"Em verdade vos digo: Se o demônio vos disser: "Escuta os meus conselhos, submete-te a minha vontade e te darei todos os reinos da terra", repeli-o. Não tendes um reino maior do que todos, o reino de Deus, vosso pai?"

"Se a fome vos apertar e o demônio vos disser: Obedece-me e destas pedras farei pão para te alimentar, recusai-o com horror. O pão da terra não alimenta senão o corpo e vós deveis buscar o pão da vida, que alimenta a alma e a torna apta a entrar na vida eterna."

"Se o orgulho vos arrastar ao fastígio das grandezas e o demônio vos disser: Precipita-te no espaço que te atrai e não temas a queda, pois que serás amparado, imponde-lhe silêncio e não tenteis a Deus. Recolhei-vos, medi a vossa fraqueza e a grandeza do Senhor e o demônio se afastará por algum tempo. Mas, não esqueçais que ele ronda constantemente, pronto sempre a deitar as garras à sua presa e a se aproveitar de todas as vossas fraquezas."

Aí tendes, oh! bem-amados, as palavras que Jesus pronunciou quando reapareceu e que, por sua ordem, vos revelamos, vos transmitimos.

Aplicai-vos essas palavras, pois que, como todas as que lhe saíram dos lábios, devem produzir frutos no presente e produzirão no futuro, do mesmo modo que, sob a figura da tentação material, produziram no passado.

Semelhantemente ao que se dava com tudo quanto então se dizia, tais palavras passaram de boca em boca.

Alguns dos apóstolos e discípulos as ouviram do Cristo, a outros elas chegaram transmitidas pela voz pública: mas, enquanto durou a missão terrena de Jesus, tendo todos a atenção de contínuo solicitada por fatos novos, sobre nenhum a demoravam. Só depois de terminada aquela missão, os fatos voltaram a ser considerados mais atentamente e entre eles se apresentaram de novo o do desaparecimento de Jesus durante quarenta dias e quarenta noites e as circunstâncias que o cercaram.

Surgiram então os comentários e destes nasceu a opinião que gerou a crença no fato material do jejum no deserto e

da tentação feita pelo "demônio".

Os apóstolos e os discípulos, como todos os que abraçaram a fé cristã, acreditaram nesse fato material. Na sua condição de homens, de Espíritos encarnados, tinham os preconceitos e as crenças a época e estavam imbuídos das mesmas tradições.

Ora, era corrente então que todo profeta ia jejuar no deserto antes de principiar o desempenho da sua missão. Coincidindo as palavras de Jesus com o seu desaparecimento por quarenta dias e quarenta noites, pensaram todos que essas palavras eram o resumo do que com ele ocorrera durante a sua ausência, que o que ensinara, relativamente às tentações do demônio, tentações a que está sujeita a humanidade, pela fome, pelo orgulho e pela ambição, relativamente às emboscadas que o espírito do mal lhe arma e à perseverança, a fé com que lhe cumpre resistir, era o resumo do que ele mesmo experimentara. Assim, acreditaram que Jesus havia jejuado quarenta dias e quarenta noites no deserto: que, decorrido esse tempo, tivera fome e que então fora tentado pelo demônio, no sentido das palavras que dirigira ao povo.

Ao homem material são precisos fatos materiais. O Cristo, para os homens, era homem e, como tal, sujeito às enfermidades, às necessidades da existência humana. Em matéria de provações, ninguém, naquela época, podia compreender senão as provações físicas. Ao surgirem os comentários sobre as palavras do Mestre, já se divulgara e espalhara pelas multidões a revelação que o anjo fizera a Maria e a José e que fora conservada em segredo até ao termo da missão terrena de Jesus. Diante da revelação da sua origem, tida em geral, segundo a letra, por "miraculosa", "divina", dada a qualidade que a mesma revelação lhe atribui de "filho de Deus"; diante da sua vida de perfeita pureza e dos "milagres" que realizara, da sua "ressurreição" e da sua "ascensão", difundiu-se a crença na sua divindade.

Como homem, Jesus, para os apóstolos e discípulos, estava sujeito às necessidades da existência humana, às tentações do "demônio"; mas, era, ao mesmo tempo, por efeito das impressões que lhes produzira a sua missão terrena, um grande profeta. Em consequência das novas impressões que receberam depois de finda essa missão, passaram a considerá-lo maior do que todos os profetas que até então a Terra conhecera, a considerá-lo o "filho de Deus", partilhando, portanto, da divindade do Pai. Suscetível de ser tentado, fora-o, pensavam todos, e triunfara.

De considerarem o que não passara de um ensinamento como sendo o resumo do que sucedera, durante a ausência de Jesus, entre ele e o demônio; como sendo a súpula de fatos materiais e reais de que o Mestre participara, veio a ideia de um diálogo que se deveria ter travado entre os dois.

Se é certo que das palavras de que usou Jesus se apagara a lembrança na memória dos homens, certo é também que o pensamento, a substância do ensino dado se haviam conservado. Para reconstituírem o diálogo de acordo com esse pensamento, com o objetivo da lição, os apóstolos e discípulos recorreram às escrituras.

Confrontai as palavras, que há pouco vos revelamos, pronunciadas por Jesus, com a versão que se criou sob a influência das tradições e dos comentários e vereis que o sentido, o fundo, o pensamento são idênticos, que a alegoria, tomada ao pé da letra pela maneira por que foi apresentada e que no futuro seria compreendida espiritualmente pela inteligência, encerra o ensino de Jesus, mas transformado num fato material o da tentação real feita pelo demônio ao Cristo que, tendo sofrido essa prova, dela soubera triunfar, como homem e filho de Deus.

A transportação de Jesus para o cume de uma alta montanha, depois para o pináculo do templo de Jerusalém e a fome que lhe atribuíram foram a consequência dos comentários.

Do desaparecimento do Mestre pelo tempo durante o qual, conforme às tradições, devia ele, como os profetas, permanecer em jejum no deserto, antes de dar começo à sua missão, concluíram os apóstolos e discípulos que, findos os quarenta dias e quarenta noites, necessariamente sentira fome, tanto mais quando coincidiam com a sua ausência as palavras que dirigiu ao povo no momento mesmo em que reaparecera.

Aplicando materialmente a Jesus essas palavras, calcularam os apóstolos e discípulos que forçosamente o demônio o transportara a dois lugares elevados, a um para lhe mostrar todos os reinos da Terra, a outro para, colocando-o no fastígio das grandezas humanas, lhe dizer que se precipitasse no espaço, que se atirasse dali em baixo.

Não percais de vista a ignorância e a ingenuidade dos homens daquela época, dos Espíritos encarnados que se entregavam a tais comentários, relativamente às coisas terrenas.

O cume de um alto monte e o pináculo do templo de Jerusalém foram os lugares mais próximos que acudiram à ideia dos apóstolos e discípulos, que não compreendiam pudesse haver outros.

Para eles; o cume de um monte elevado era o único lugar aonde o demônio pudera ter transportado e transportara Jesus, a fim de conseguir mostrar-lhe todos os reinos da Terra.

Quando atribuíam sentido material às palavras do Mestre relativas ao fastígio das grandezas humanas, ao qual o demônio o elevara para lhe dizer:

“Atira-te daqui em baixo, não temas a queda que serás amparado”, o único lugar que se lhes afigurava ser materialmente o ponto culminante das grandezas humanas, como elevação no espaço, era o pináculo do templo de Jerusalém.

Os crentes aceitavam os fatos, do mesmo modo que hoje, como suas faculdades lhes permitiam. Os incrédulos os rejeitavam, como ainda os rejeitam, sem mais investigações.

Dissemos e repetimos: não censureis que haja sido assim, porquanto a crença numa tentação material teve sua razão de ser. O que se deu devia dar-se na marcha dos acontecimentos.

Tudo está previsto, tudo sucede por efeito da lei universal que governa o mundo no caminho do progresso, sendo o desenrolar dos fatos, bem como as interpretações humanas, acordes com o estado das inteligências e as necessidades de cada época. O homem todavia dispõe do livre arbítrio e Deus sabe que uso ele fará desse dom, porquanto o que, para vós, constitui o passado, o presente e o futuro, se acha sempre e por toda a eternidade patente aos olhos do Senhor.

Dispondo do livre arbítrio, o homem tinha a liberdade de escolher entre o modo de pensar acertado e a falsa, ainda que útil, maneira de apreciar as coisas. Dominavam-no, porém, as suas naturais aspirações. Assim como preferia, ao de um profeta, o sacrifício de um Deus, por lhe aumentar o valor próprio, também a tentação material de Jesus pelo demônio lhe reanimava a coragem e mostrava o caminho a seguir, fazendo-lhe ver que até o homem Deus estivera sujeito à tentação, fazendo-lhe ver que, embora filho de Deus, fração da divindade, mas ao mesmo tempo homem e como tal sujeito às contingências da

humanidade, às enfermidades da existência humana, Jesus fora acessível ao demônio, sofrera pessoalmente a prova e dela soubera triunfar.

Nada ocorre sem ser pela vontade de Deus, no sentido de que, se lhe aprouvesse dar outra diretriz aos atos humanos, ou opor-se lhes, bastaria querê-lo. Tal, porém, não faz. Essa a razão por que, vendo a seriação e as consequências de todas as coisas, Deus não obsta de antemão aos atos de nenhuma das suas criaturas.

Ele não governa como tirano; deixa que as coisas sigam o seu curso. Assegurando ao livre arbítrio a independência, auxilia a humanidade a trilhar a senda do progresso, por meio de sucessivas revelações, sempre progressivas, que atuam na marcha dos acontecimentos, encadeando uns aos outros, e que, apropriadas ao estado das inteligências e às necessidades de cada época, desenvolvem, no presente, o progresso realizado e preparam o progresso futuro.

Se o quisesse, Deus certamente houvera podido, por manifestações espíritas, determinando uma influência e uma ação mediúnica sobre os apóstolos, os discípulos, os evangelistas, esclarecê-los acerca das falsidades da interpretação humana que transformou um ensinamento de Jesus ao povo em fatos materiais, quais os da permanência no deserto, do jejum por quarenta dias e quarenta noites e da tentação praticada contra ele pelo demônio.

Mas, as necessidades da época exigiam essa crença. Convinha que ela se implantasse nas massas populares.

À vista da perfeição indispensável para chegar a Deus, à vista da perfeição sempre vitoriosa de Jesus, qual não seria o desânimo dos homens, se não fossem prevenidos de que ainda o mais forte pode estar sujeito à tentação? Quanta força não adquiriram no exemplo da vontade a repelir sempre a inspiração do mal? Se assim não fora, jamais teriam ousado alimentar a esperança de igualar o modelo que lhes era dado. Contemplando-o em tão grande altura, teriam permanecido desanimados, ao nível do solo, ao passo que, vendo-o submetido à tentação e vitorioso pela fé, reconheceram que todos poderiam esperar a mesma vitória.

Sim, a tentação de Jesus é uma figura que as exigências dos tempos, o estado das inteligências, as aspirações naturais que dominavam os homens e a preparação do futuro tornaram necessária.

Jesus, cuja origem espírita a nova revelação vos fez conhecer, espírito de pureza perfeita e imaculada, a quem

todos os espíritos estão subordinados e que, durante a sua missão terrena, mostrou a sua onipotência sobre os "demônios", não teve que sofrer a influência, nem ainda menos, o contacto dos maus Espíritos. Nos seus ensinamentos não há uma só palavra que permita afirmar-se, nem, sequer, pensar-se o contrário.

Os quarenta dias e quarenta noites que supuseram tê-lo passado no deserto são o emblema da vida humana: nesse curto espaço de tempo todas as más paixões assaltam o homem, todas as necessidades se fazem sentir. Cabe-lhe triunfar da prova.

Executai, pois, oh! bem-amados, o que Jesus disse, ensinou, servindo-se das palavras que fomos por ele encarregados de vos revelar e que agora conheceis.

Fazei o que vos ensina essa figura emblemática de uma tentação material, figura que exprime o intuito, o objetivo do ensinamento contido naquelas palavras.

Triunfai das paixões e mesmo das necessidades humanas. Reportai-vos em tudo a Deus. Se só a ele adorardes e servirdes, os bons Espíritos descerão para vos ajudar a subir aos céus.

O homem, na Terra, quem quer que ele seja, está sujeito às tentativas que, para arrastá-lo ao mal, fazem os maus Espíritos, os quais, ignorantes, não sabem distinguir os que podem dos que não podem resistir lhes. Daí vem que das suas tentações, nem os que encarnam em missão estão isentos.

Tanto as palavras que Jesus dirigiu ao povo, como a figura emblemática que vo-lo mostra sofrendo a tentação material, indicam a maneira por que vos deveis conduzir.

As tentações e influências mais perigosas para o homem são o orgulho, os apetites materiais e a ambição, que tem por móvel essas paixões más.

São esses os escolhos de encontro aos quais se vêm desgraçadamente quebrar as, a princípio, melhores intenções, sobretudo daqueles a quem Deus concede a graça de encarnar para auxiliarem o progresso de seus irmãos.

Sabei, pois, repelir as tentativas dos maus espíritos e conservar-vos dignos do favor que Deus vos outorgou, enviando-vos o divino modelo, cujas pegadas deveis esforçar-vos por palmilhar.

Sabei tornar-vos dignos do favor que ele vos concede, abrindo-vos a era da nova revelação, enviando-vos os bons espíritos com a missão de vos ampliar o discernimento, iluminar os corações e as inteligências, e que, trazendo-vos a luz e a verdade, vos vêm ensinar o respeito, a gratidão e o amor, que deveis ao vosso Criador, depois ao seu Cristo, vosso protetor, governador e Mestre; que vos vem ensinar a paciência, a resignação, a afabilidade, a doçura, a benevolência, a simplicidade de coração, a humildade de espírito, a castidade segundo as leis da natureza, a frugalidade, a temperança, a sobriedade, o desinteresse, a justiça, a tolerância, o devotamento, a caridade e o amor aos vossos irmãos, o amor ao trabalho e à ciência, o desejo de progredir física, moral e intelectualmente, o amor a todas as criaturas do Senhor, que vo-las confiou para serem utilizadas ou destruídas, na medida das vossas necessidades, da vossa utilidade, ou da vossa segurança, sem que jamais abuseis; que vem, finalmente, dar-vos a compreensão, inspirar-vos a prática de todos esses deveres e virtudes.

Sabei tornar-vos dignos do favor que Deus vos faz, permitindo que os bons Espíritos venham ensinar-vos a resistir às seduções materiais, a distinguir, em espírito e verdade, o bem do mal; que vos venham revelar, pela ciência espírita, os segredos de além-túmulo, a origem e a ocasião dos bons e dos maus pensamentos, das boas ou das más ações pelas influências boas ou más, mostrando-vos que as boas provêm dos vossos anjos de guarda e dos Espíritos bons que procuram inspirar-vos, sempre que vos achais dispostos a receber-lhes as inspirações e que lhes é possível fazerem-se escutados; e que as más, as colheitas dos Espíritos impuros, maus, que vos assediam, sempre prontos a se aproveitarem de todas as vossas fraquezas.

Vigiai, portanto, e orai.

Vigiai, exercendo constante vigilância sobre os pensamentos, palavras e ações.

Orai, orai, não com os lábios, mas com o coração, para atrairdes as boas influências, para que Deus vos conceda a proteção dos bons Espíritos, que vos ajudarão a praticar todos os deveres e virtudes que "o Espírito da Verdade", por intermédio dos Espíritos do Senhor, vos vem pregar.

Mateus, Marcos, Lucas e João
Assistidos pelos apóstolos.